

# NEGOCIAÇÕES DA DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS

Alexandre José Guimarães  
*IF - Goiás*

ISSN 2316-6479

## Resumo

Esta comunicação consta de um relato de experiência a partir de minha imersão no Instituto Federal de Goiás como professor de artes visuais. Nesta instituição, sou professor dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, em tempo integral; da Educação de Jovens e Adultos e, também, da Licenciatura em Dança. Trago problemas e encantos sobre a docência, que abordarão: a) relações entre ensino técnico, artes visuais e currículo; b) processos de criação em artes visuais do professor e do aluno; c) contaminações entre o design, a docência e os processos criativos (meus e dos alunos).

**Palavras chave:** ensino de artes visuais; ensino técnico; processo criativo.

## Abstract

This communication consists of an experience report from my immersion in the Federal Institute of Goiás as professor of visual arts. In this institute, I am a professor to the high school integrated of the technical courses in full time; to the Adult Education and also the degree in Dance. I bring problems and enchantments of teaching, addressing: a) relations between technical education and visual arts curriculum; b) teacher and student's creation processes in visual arts; c) contaminations between design, teaching and creative processes (mine and students process).

**Keywords:** teaching of visual arts; technical education; creative process.

Pretendo, com este relato de experiência, iniciar uma discussão, a partir do meu percurso docente, sobre o ensino das artes visuais nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Sou professor efetivo do Instituto Federal de Goiás (IFG)<sup>1</sup> – Câmpus Aparecida de Goiânia, trabalhando com o ensino de artes visuais para o ensino médio integrado ao técnico, em tempo integral; com o programa PROEJA (educação de jovens e adultos) integrado ao ensino técnico; e com a Licenciatura em Dança (para este debate, não incluirei a conexão artes visuais/dança no ensino superior).

A necessidade de discutir o tema vem das minhas impressões (incluindo adaptações, aprendizados e afetos) ao ingressar-me numa instituição tradicionalmente focada no ensino técnico profissionalizante, mas que também se

1 Sou professor para os seguintes cursos - ensino médio integrado ao técnico em tempo integral: Edificações, Química e Agroindústria; Educação de Jovens e Adultos: Panificação e Modelagem do Vestuário; licenciatura: Dança.

destaca por suas atividades em arte e cultura – como exemplo, o IFG mantém em seu calendário institucional o Festival de Artes de Goiás, que já está em sua 12ª edição -, além da oferta, desde 2008, de cursos de bacharelados e licenciaturas.

Minha história de professor de artes visuais passa, inicialmente, pela educação de jovens e adultos (1997), depois para o ensino fundamental e médio (2001), ensino superior na modalidade a distância (2008), na modalidade presencial (2011) e, a partir de 2012, para ensino médio/técnico e para a formação de professores – Licenciatura em Dança. Foram vários territórios de atividade docente em que, cada um com suas especificidades, as visualidades foram e continuam sendo meios deflagradores para a experiência estética (incluindo a minha, considerando que a atividade de planejar aulas de artes visuais é, também, um processo criativo que oportuniza a experiência estética).

Quero problematizar minha imersão nesta nova instituição (IFG), pondo em pauta as demandas desta modalidade de ensino emergente no Brasil (formação técnica) e pensar como meu histórico profissional afeta o desenho do currículo escolar que venho trabalhando e, por outro lado, como tenho sido afetado por essas novas experiências, considerando a multiplicidade de perfis da comunidade escolar que estou inserido, sob o contexto da diversidade e do que Vesta Daniel (2005) denomina “ecologia da sala de aula” (p. 12). Para isso, delinheiro os seguintes assuntos: a) ensino técnico, artes visuais e currículo; b) processos de criação em artes visuais do professor e do aluno; c) contaminações entre o design, a docência e os processos criativos (essa divisão não corresponde exatamente aos tópicos que se seguem, mas se dissolve durante as discussões).

### **Negociações entre artes visuais, formação profissional tecnológica e currículo**

Não penso que as artes visuais sofram resistências pelos nossos alunos do ensino médio/técnico. Pelo contrário, cada vez mais me impressiono com a familiaridade que esses adolescentes lidam com o fluxo de imagens em suas vidas e como elas são trazidas para o ambiente escolar. Nesse contexto, me interessa saber quais conhecimentos eles trazem para a escola e me preocupam as formas de conexão desse repertório no ver/fazer/contextualizar<sup>2</sup> pedagógico. (DANIEL, 2005; BARBOSA, 2010).

---

2 A Abordagem Triangular está presente em duas vias: a primeira, no meu processo criativo durante o planejamento das aulas de artes visuais e a segunda, na abordagem metodológica, propriamente dita, que utilizo para a realização dessas aulas.

A resistência, porém, vem de outras instâncias, a começar pela luta histórica em manter o componente curricular Arte no currículo do ensino médio. Nossos alunos, que estudam em tempo integral, levam 3 anos para se formar. No primeiro ano, tem contato com as quatro linguagens artísticas – artes visuais, dança, teatro e música – através de um rodízio bimestral em que cada professor licenciado da área atua. A partir do segundo ano, a disciplina passa a se chamar *Arte e Processos de Criação* e o aluno escolhe o que quer cursar. Dessa forma, temos turmas mistas, com alunos de todos os cursos técnicos, unidos pela linguagem artística, interesses particulares ou mesmo pela falta de outra atividade senão as que são oferecidas pela matriz curricular. Para o terceiro ano, não há a oferta da Arte no currículo, porém essa situação vem sendo um assunto levantando em nossa agenda de discussão como grupo do ensino de arte na instituição.

O que denomino “negociações” no título desse tópico, além das políticas aplicáveis à presença da arte no ensino formal, se aplica também às minhas incomodações como professor que passou por vários lugares, que conviveu com vários públicos, diretores de escola e modelos institucionais diversos. O que vem me afetando, nesse terceiro ano de atuação no Instituto Federal, refere-se às maneiras de ensinar arte para um coletivo de alunos que, concomitantemente, além das disciplinas do núcleo comum do ensino médio, estão lidando com conteúdos e práticas de atuação técnica na área profissional que escolheram. Qual lugar da arte nesse currículo?

Creio que um pouco diferente de minhas outras experiências e relaciono essa “nova” situação a um dos princípios bauhausiano do *design*, que concebe um produto na relação forma/função. Não estou procurando a funcionalidade da arte na vida dos meus alunos, mas pensando em formas de promover a experiência estética através da imagem e considerando, na relação apreciar/fazer/interpretar (ou ver/fazer/contextualizar), aspectos do *metier* que esses futuros profissionais irão trabalhar, sob a perspectiva de “onde o sujeito é colocado e fixado pelo discurso do qual faz parte isto que ele vê (e que o vê)” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 33). E na tentativa de promover o pensamento para localizar esses alunos no “discurso do qual fazem parte”, o terreno do ensino de arte que venho praticando absorve, por exemplo, direta ou indiretamente, aspectos de áreas técnicas que estão, através de suas visualidades, presentes nos processos de criação.

Nesse sentido, as negociações acontecem nas articulações, nos deslocamentos, nos prazeres, nos conflitos e tensões das minhas maneiras de promover a arte/educação e também surgem em função das especificidades de cada modalidade de ensino que atuo. Essa variedade de lugares vem desenhando e reconfigurando minha docência, resultante de inquietações e incertezas

características da pós-modernidade, fazendo-me pensar que a atividade de ensinar artes visuais, assim como fazer arte em nosso tempo, requer uma constante experimentação em territórios gelatinosos (GUIMARÃES, 2011), cuja efemeridade dos sentidos nos faz buscar e pensar em nossas “marcas culturais e biográficas” (HERNÁNDEZ, *op. cit.* p. 33).

### Processos de criação do professor e do aluno em artes visuais

Sou um professor/designer ou um designer/professor? Como as experiências e as visualidades do ensino técnico configuram a produção dos alunos? Para discutir essas questões, ilustro, a seguir, o trabalho de uma aluna do 2º ano do curso de Edificações.

A proposta do trabalho (que foi dividido em 2 bimestres) foi a criação de uma estrutura modular geométrica ou não, com o objetivo de desenvolver uma composição pela repetição e raporte dos elementos, seja ela calculada ou aleatória:

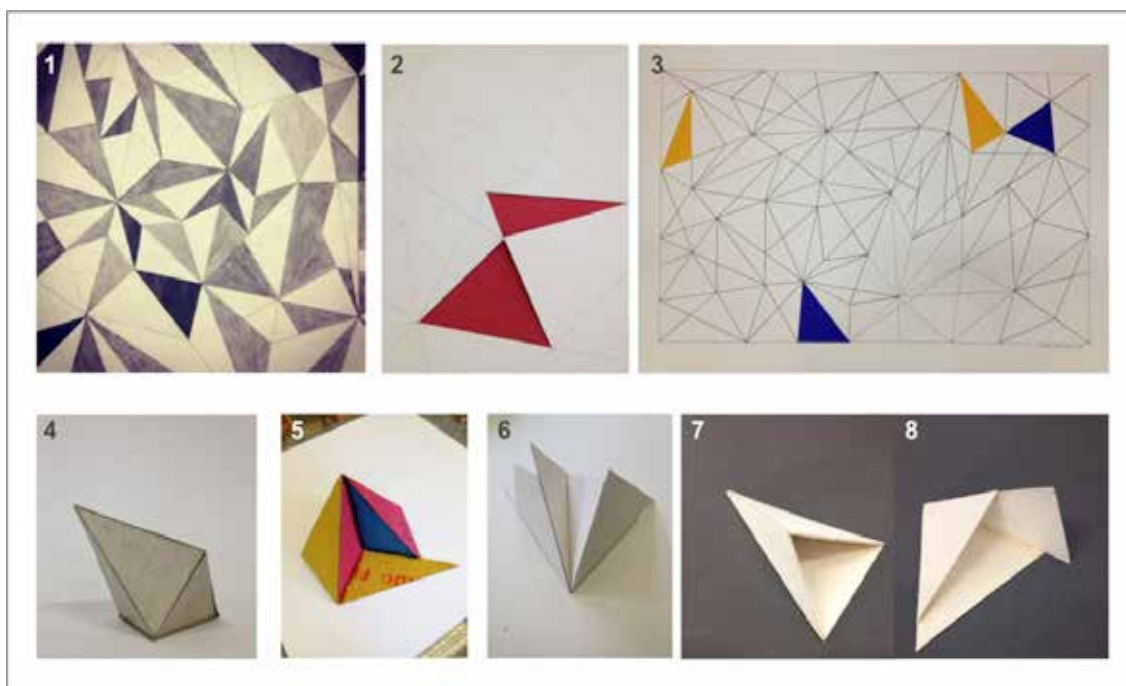


Imagem 1. Fotografia: Alexandre Guimarães.

Processo criativo de uma aluna do curso de Edificações. Dezembro, 2013.

A leitura que faço, agora me distanciando da experiência que aconteceu no segundo semestre de 2013, é que há uma relação direta da forma visual de todo o processo criativo da aluna com a área técnica em que está se formando. A escolha da triangularidade partiu dela mesma e, em suas conversas durante o processo de



orientação, sempre giravam em torno da construção civil. Nem todos os trabalhos tiveram uma relação direta com a formação profissional de cada um, aparecendo temas que não tinham nenhuma relação com a área técnica de conhecimento.



Imagem 2. Fotografia: Alexandre Guimarães. Objeto finalizado do processo de criação. Dezembro, 2013.

Retomando a negociação (agora comigo mesmo enquanto professor de arte que propõe projetos de ensino) que me referi no início, algumas questões me intrigam: a proposta de atividade que lanço já vem contaminada, ou mesmo adequada, com o currículo técnico dos alunos? Se há uma adequação, ou mesmo um direcionamento, não estaria eu higienizando, através da influência do design, o processo criativo em artes visuais? Em que medida minha formação em design afeta meus planos de ensino?

Trago alguns trechos de um depoimento da aluna que realizou o trabalho das imagem 1 e 2:

Neste semestre, gostei muito da proposta que me foi apresentada. Com ela tive maior identificação, pois gosto muito de fazer coisas fora do padrão. Gosto de trabalhar com arte abstrata (...) Gostei muito de exercer minha capacidade de criação (...) O que mais gosto nas aulas de Arte Visuais é poder me sentir livre, poder sentir realmente o que fiz, pois sempre colocamos a mão na massa (...) Gostei também de não me sentir em uma sala de aula, pois no ateliê não me sinto propriamente na escola. Apenas tenho divertimento em realizar as atividades propostas em um ambiente em que sinto prazer em estar (...) Eu gostaria de narrar (visualmente) a verticalidade da sociedade atual, as linhas presentes em nosso cotidiano, além de mostrar como nosso pensamento, nossa visão de mundo pode estar se tornando cada vez mais retilíneo.

Há, no entanto, duas instâncias (que não se separam) do depoimento da aluna: uma a da experiência de criar e a outra a da formulação do pensamento sobre o processo criativo, onde ela sugere representações da vida contemporânea a partir das formas do seu objeto. Envolvimento e dedicação estão claros no processo da aluna e acredito que o trabalho diz muito dela mesma, além de situar-se em questões da ocupação do espaço urbano na contemporaneidade.

A negociação comigo mesmo surge do reflexo dos resultados dos meus alunos sobre a maneira pela qual estão sendo orientados e me faz pensar na minha formação profissional – bacharel em design e professor de artes visuais. Percebo a contaminação da docência pelo design (e vice-versa) e como isso reverbera em minhas narrativas de atuação profissional.

Sobre essa questão, trago um relato que fiz em minha dissertação de mestrado, num capítulo intitulado “Narrativas de um professor/designer ou de um designer/professor”:

Como um designer/professor ou professor/designer, os aspectos gráficos sempre estiveram em destaque em meus planos de ensino, oficinas com crianças, adolescentes, jovens e adultos e também em cursos ministrados para formação continuada de professores da rede pública do estado de Goiás (...) É nesse percurso o ator se confundiu em vários momentos: professor/designer ou designer/professor? Ou ainda: professor/designer/pesquisador (ou outras possíveis combinações)? (GUIMARÃES, *op. cit.*, p.19)

O questionamento sobre o lugar que ocupo (professor e designer) vem acontecendo desde o trabalho de mestrado, concluído em 2011, rodeado de situações do cotidiano da docência, postos à revisitação e à desconstrução. Mais uma vez, agora no processo de doutoramento, retomo essas questões que estão sendo entrecruzadas num lugar mais duro (formação profissional técnica) em que a arte, em suas quatro linguagens, persiste no currículo.

### **Plano-criação de aulas de artes visuais: apresentando alguns métodos**

Concebo o planejamento de aulas como processo criativo que envolve a experiência estética. Para isso, uso a expressão “plano-criação” como metáfora para as atividades de projetar, pensar, revisitar, criar, executar o plano de aula em artes visuais. O plano de aula não chega pronto, mas também vai se construindo durante o processo criativo do aluno. Há, nesse sentido, diretrizes que orientam nossos trabalhos. Considero importante, e fazendo parte das primeiras conversas com uma determinada turma que inicia um determinado semestre letivo, promover

um trabalho com os elementos da linguagem visual, tomando como referência alguns clássicos da forma, como “Sintaxe da Linguagem Visual”, de Donis A. Dondis, os conceitos de Bruno Munari e os experimentos de Tai Hsuan-Na, em seu livro “Desenho e organização bi e tridimensional da forma”. Essas referências vem me servindo para a discussão e aprendizado (meu e do aluno) de elementos básicos do desenho e da composição visual.

Sim, alfabetização visual, que pode acontecer de uma forma bem didática ou dissolvida durante o processo criativo. Acho pertinente que esses alunos tenham domínio da forma, da ideia do ponto, da sinuosidade da linha, das surpresas das cores, das impressões da luz e sombra, das descobertas do volume, da capacidade de representar em perspectiva... Ao mesmo tempo, ao contrário de alguns discursos pós-estruturalistas que zeram o passado, prefiro pensar essas abordagens do ensino das artes visuais como camadas da experiência do arte/educar que me fazem um professor mais crítico, mais experiente e mais capaz de revisitar práticas tradicionais (as minhas e as de outros) para então pensar numa “educação emancipadora” para uma “pedagogia da experiência” (AGUIRRE, 2011, p. 70). Tais conceitos pós-modernos é o que me estimula a redesenhar minhas práticas, que vem de uma formação estruturalista e bauhausiana, e distanciar-me do conforto dos lugares de minha atuação pedagógica para submetê-las às inconclusões, que são próprias de nosso tempo. E então possibilitar a experiência do sensível – e seus desdobramentos políticos (RANCIÈRE, 2010) – entendida como “um conjunto de funções orgânicas que buscam a inteligibilidade, o prazer, a sensualidade” (BARBOSA, 2010, p. 99).

Dentre alguns temas de projetos até hoje desenvolvidos com os alunos, em sua maioria bimestrais, trago alguns exemplos: “Imagens do cotidiano e imagens que me representam”; “Visualidades urbanas: criações a partir do graffiti”; “Cultura popular brasileira: matrizes indígenas e africanas”, “Diálogos entre arte e design”, “Composição modular bi e tridimensional”, entre outros. Os temas são lançados, mas não há a ideia de um produto final, que é resolvida durante o processo de orientação. O processo criativo começa com um projeto de trabalho por escrito pelo aluno, que orientará as próximas etapas. Alguns projetos de trabalho apresentam, logo no início, uma ideia de objeto final que, na maioria das vezes, resulta num trabalho totalmente diferente do pensando inicialmente, pois sofre interferências pelo convívio com outros processos dentro e fora do ateliê, pelo diálogo com os colegas, com o professor ou algum tipo de referência visual que o aluno teve contado durante esse período e a trouxe para a experimentação.

Abaixo, uma sequência de registros do processo de experimentação de materiais durante o projeto “Diálogos entre arte e design”.



Experimentação de materiais durante o projeto «Diálogos entre arte e design», que teve como uma de suas referências o trabalho dos irmãos Campana. Nenhum tipo de modelo foi proposto ao aluno, mas referências visuais de trabalhos com o mesmo material. A orientação do trabalho foi para a experimentação de materiais, sem preocupação com o objeto acabado, que não precisaria ter uma funcionalidade.

Imagem 3. Fotografia: Alexandre Guimarães. Experimentação de materiais no ateliê. Dezembro, 2013.

A experimentação foi a chave deste projeto. O objeto deveria transitar entre arte e design. Alguns trabalhos ficaram presos à funcionalidade, outros alunos trabalharam com a poética do material, da forma, da cor. A busca de referências visuais sempre acontecia através de pesquisa no *Google* em um *notebook* disponível no ateliê, ou mesmo através de seus próprios *smartphones*. A imagem impressa quase não foi utilizada. A avaliação foi dividida da seguinte forma:

- a) Processo do aluno (registrado em fichas individuais) – 4 pontos;
- b) Objeto final – 4 pontos;
- c) Narrativa escrita do processo – 2 pontos.

Durante o processo, eu ficava observando, também, a conversa entre eles e como um palpitava no trabalho do outro. A autonomia é algo que considero fundamental para o empoderamento do aluno, que entrava e saía do ateliê quando lhe convinha, organizava seu material, tomava decisões, propunha soluções ou mesmo “travava” durante o processo criativo até a descobrir um fio condutor para dar continuidade ao trabalho.

Em outra situação, num dos trabalhos iniciais do ano de 2013, com uma proposta de criação de um painel para ocupar o espaço público da biblioteca e cuja referência foi a azulejaria, como a de Olinda-PE, ouvi de uma aluna, ao concluir seu trabalho: “professor, meus módulos estão se movendo!”. Ela havia criado um raporte de distribuição modular que provocava a sensação ótica de rotatividade, aproximando-se da *Op Art*. Claro, foi o momento para eu fazer a contextualização com os experimentos óticos na história da arte ocidental e, também, um momento prazeroso para mim, pois acabara de ouvir e ver uma aluna cuja experimentação a levou à se relacionar com a forma e com outros contextos, a partir daquilo que criou. O trabalho está ilustrado abaixo:





À esquerda, o trabalho modular da aluna que percebeu que seu módulo «girava». À direita, aplicação de todos os trabalhos desenvolvidos na biblioteca. A proposta também serviu para algumas questões iniciais de interferência e ocupação da arte por espaços públicos. O trabalho foi desenvolvido no primeiro semestre de 2013.

Imagem 4. Fotografia: Alexandre Guimarães.

Interferência na biblioteca do câmpus IFG Aparecida de Goiânia. Julho, 2013.

E para fechar esse ciclo que delineia meus processos criativos, ou meus plano-criações, e também o resultado do processo de criação dos alunos, ilustro alguns trabalhos do projeto “Diálogos entre arte e design”:



Resultado dos trabalhos do projeto «Diálogos entre arte e design», realizados por alunos/as dos II anos dos cursos de Química, Edificações e Agroindústria, integrados ao Ensino Médio, em tempo integral, no Instituto Federal de Goiás, Câmpus Aparecida de Goiânia.

Imagem 5. Fotografia: Alexandre Guimarães.

Objetos finais do projeto “Diálogos entre arte e design”. Dezembro, 2013.

## Relatos das experiências dos alunos e alguns intertextos

Sobre estas e outras experiências durante os projetos desenvolvidos, trago alguns relatos dos alunos, que servirão para localizar e discutir algumas inquietações contemporâneas da arte/educação presentes em publicações dos últimos dez anos. No final de cada projeto, os alunos são convidados a fazer um breve relato de experiência por escrito. Dentre os relatos, destaco os seguintes:

(A) *Durante meu ensino fundamental, eu não praticava muito artes visuais, ou seja, os professores não aprofundavam muito, eu só praticava desenhos livres.*

Para contextualizar e localizar os depoimentos dos alunos sob a discussão do ensino de arte, começo o exercício com o depoimento A, que termina com o fala “eu só praticava desenhos livres”. Esses alunos tem idade entre 14 – 18 anos. Vieram, em sua maioria, de outras escolas públicas e ingressaram no IFG por meio de processo seletivo, com limitação de vagas. Aos “desenhos livres” da fala anterior associa a livre expressão da arte/educação modernista que buscava o purismo e a não contaminação da criação artística. Esse depoimento serve apenas para ilustrar as inúmeras vezes que ouvi a mesma coisa de outros alunos, em outras escolas (principalmente as da rede privada), hoje e em outros tempos da docência.

(B) *Nossas aulas não foram apenas pintura e desenho, mas sim de observação, reflexão e de bastante conhecimento.*

Na fala B, percebo o entendimento do aluno quanto à proposta de ensino (localizando, a Abordagem Triangular), que não lhe foi apresentada de forma direta, mas que pode ser identificada quando o aluno/a faz a relação desenho/observação/reflexão/conhecimento, comparando, possivelmente, com outras experiências que teve, em que apenas lidava com o desenho e pintura livres nas aulas de arte.

(C) *Com tudo isso, a aula tem que ter resultados, então todos fazem de verdade.*

Na fala C, fica explícita a minha forma de fazer/observar/contextualizar minhas aulas de artes visuais, contaminadas pelo design, que tem uma preocupação com o resultado final do objeto, mas que, por outro lado, almeja potencializar o processo e o posicionamento do aluno durante o desenvolvimento de seu trabalho e como ele é afetado por essa proposta.

(D) *Parece que agora tudo tem traços diferentes, formas específicas, uma estrutura própria, tudo tem sua beleza...*

(E) *Eu amadureci bastante meus conceitos sobre as artes visuais, tendo noção da imagem e o que é uma representação, dimensões, texturas e formas.*

Na fala D, percebo uma emancipação do olhar, ou uma capacidade de identificar, interpretar e contextualizar a imagem e, ainda nessa linha, na fala E, um reflexo da “alfabetização visual” como forma de perceber a imagem, a partir dos seus elementos visuais até suas formas de representatividade e construção de sentidos.

(F) ... me fez perceber, não só como aluno, mas como pessoa... e pude perceber que artes não é só um aula em que fazemos desenho cego e de brincadeiras, mas sim algo sério que pode no dar novas perspectivas de vida.

Na fala F, o depoimento “me fez perceber como pessoa” me remete ao empoderamento, ou à “perspectiva educativa emancipadora” (AGUIRRE, *op. cit.* p. 70), que já foi mencionada neste texto, na medida em que o aluno toma consciência de si como sujeito que vê, é olhado pelo outro e como isso lhe ajuda a entender-se no mundo e em suas relações, das mais formais até as afetivas.

### **Algumas considerações**

Ao expor minhas experiências e negociações como professor de artes visuais para o ensino médio integrado ao técnico, em tempo integral, pretendi lançar discussões que passam pelas abordagens de ensino e como são contaminadas pelos contextos políticos institucionais, bem como pela experiência do professor, do seu histórico, sua formação inicial à formação ao longo da vida. Por outro lado, como os planos de ensino são contaminados pela experiência do aluno.

Para essa primeira conversa, trouxe relatos que falam de minhas tentativas em promover a experiência estética, a emancipação do olhar, o empoderamento do sujeito e o conhecimento de si. Também do lugar que ocupam, como olham, como são vistos.

Abro, também, possibilidades para discutir relações entre arte e design, entre projeto de produto e projeto de ensino (plano-criação). Todavia, busco revisitar minhas experiências pedagógicas a partir do olhar da cultura visual, por considerá-la uma arena de discussão que permite “caminhar para a experiência e pensar o mundo como algo a ser construído” (AGUIRRE, *op. cit.* p. 83) e, ao mesmo tempo, turbulenta, pois se sujeita às mais dolorosas e desconfortáveis provocações que nos tiram de um lugar “seguro” para lugares instáveis e escorregadios.

### **Referências bibliográficas**

AGUIRRE, Imanol. Cultura Visual, política da estética e educação emancipadora. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011, pp. 69-111.

BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez Editora, 2010, pp.98112.

DANIEL, Vesta. Componentes da comunidade atuando como fontes pedagógicas. Tradução: Leda Guimarães. In: *Anais do XV Congresso da Confederação de Arte Educadores do Brasil*. Rio de Janeiro: 2005.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREEDMAN, Kerry. *Teaching visual culture*. New York: Naea, 2003.

GUIMARÃES, Alexandre. *Escolas flutuantes, sujeitos transparentes*. Dissertação de mestrado. Goiânia: FAV-UFG-PPG em Cultura Visual, 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011, pp. 31-49.

HSUAN-AN, Tai. *Desenho e organização bi e tridimensional da forma*. 2ª edição. Goiânia: PUC Editora, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível: estética e política*. 2 ed. São Paulo: EXO experimental; Editora 34, 2009.

---

## Minicurrículo

Alexandre José Guimarães é doutorando em Arte e Cultura Visual, mestre em Cultura Visual e bacharel em Design Gráfico (FAV/UFG). Durante o mestrado, esteve como *exchange student*, por 6 meses, na *University of Cincinnati* – USA. É docente em dedicação exclusiva do Instituto Federal de Goiás – IFG, atuando no ensino técnico/médio (Artes Visuais e Processos de Criação) e na Licenciatura em Dança (Fundamentos da Arte na Educação; Estética e História da Arte; Dança e Visualidades).